



**CCB**

**26 E 7 JUN 26**

***DA DESORDEM DAS PAIXÕES***  
**OS MÚSICOS DO TEJO**  
**E SOFIA DIAS & VÍTOR RORIZ**

**ARTES**  
**PERFORMATIVAS**

## Programa<sup>1</sup>

**François de Chancy (1600–1656)** Excertos de *Ballet du dérèglement des passions*

I. 2<sup>ème</sup> Entrée – *Prométhée*

II. 8<sup>ème</sup> Entrée – *La Lune, Endimion et trois autres Bergers*

**William Lawes (1602–1645)** *Fantasia n.º 1* («*The Sunrise*»),

extraída de *Consort Set n.º 8* a 6 partes em Fá Maior

**John Playford (1623–1686)** Excertos de *The English Dancing Master*

**Nicolas Lebègue (c. 1631–1702)** Excertos de *Pièces de Clavessin*

**Jean-Baptiste Lully (1632–1687)** *Chaconne* extraída de *Phaëton*;

*Passacaille* extraída de *Armide*;

*Dieu des Enfers*;

Excertos de *Ballet des Plaisirs* (1655)

**Marin Marais (1656–1728)** *Chaconne* da ópera *Alcyone*

**Henry Purcell (1659–1695)** *Fantasia n.º 8*, Z. 739 a 4 partes;

*Now the Night Is Chased Away*, ária extraída de *The Fairy Queen*

**Henry Purcell** *To All Lovers of Music, Performers and Scrapers – Catch (Cânone)*

**Elisabeth Jacquet de La Guerre (1665–1729)** Excertos da ópera *Céphale et Procris*

I. *Ouverture*

II. *Pour vivre sans chagrin*, duo de Dorine e Archas

III. *Marche pour les trompettes et violons* (reconstrução das partes interiores por Marcos Magalhães)

**Gaspard Le Roux (c. 1670–1706)** Peças a dois cravos (excertos de *Pièces de Clavessin*)

**Marcos Magalhães (1973)** *Estudo para uma Queda Lateral*

---

<sup>1</sup> Não necessariamente na ordem apresentada.

Direção Artística **Marcos Magalhães, Marta Araújo, Sofia Dias e Vítor Roriz**  
Interpretação **Sofia Dias & Vítor Roriz** com **Os Músicos do Tejo** – **Álvaro Pinto** (viola),  
**Denys Stetsenko** (violino), **Marta Araújo** (cravo), **Marta Leite Gonçalves** (traverso),  
**Marcos Magalhães** (cravo e harmónio indiano), **Pedro Braga Falcão** (viola),  
**Vasken Fermanian** (violino) e **Vicente Magalhães** (contrabaixo)  
Direção Musical **Marta Araújo** e **Marcos Magalhães**  
Desenho de Luz **Cárin Geada**  
Figurinos **José António Tenente**  
Espaço Cénico **Marcos Magalhães, Marta Araújo, Sofia Dias e Vítor Roriz**  
(com panos de **Catarina Dias**)

Coprodução **Centro Cultural de Belém**

Apoios **Estúdios Victor Cordon** (espaço de ensaios no âmbito do projeto «em casa»)

Produção **Sofia Dias & Vítor Roriz** e **Os Músicos do Tejo**

**Os Músicos do Tejo** e **Sofia Dias & Vítor Roriz** são estruturas financiadas  
pela **República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / DGARTES**  
– **Direção-Geral das Artes e Câmara Municipal de Lisboa.**

Fotografias: Sofia Dias & Vítor Roriz com Músicos do Tejo (Marcos Magalhães e Marta Araújo) © Bruno Simão



«Dado que as atmosferas são de uma natureza não objectiva e não informativa (e, também, por aparentarem não ser controláveis), a cultura racional da antiga e da nova Europa colocou-as de parte na sua longa caminhada em direcção à objectivação e informatização de todas as coisas e situações.»

«Como responder a esta exigência de mundo emitida pelo próprio Deus, o gémeo interior do rei e todos os que lhe sucedem, senão através da edificação, pelos meios da arquitectura, de um espaço interior do mundo sobrelevado e alargado ?»

**Peter Sloterdijk**, *Globes Sphères II*

«Nós somos o Mundo.»

**Michael Jackson e Lionel Richie** *We Are the World*

«Nascido para estar vivo.»

**Patrick Hernandez** *Born to Be Alive*

«A incorporação do passado no presente é uma acção subversiva, porque um dos efeitos mais surpreendentes da acção do tempo é transformar o usual em estranho, o conhecido em desconhecido, o ordinário em exótico.»

**Ana Hatherly** *A Casa das Musas*

«Um dos aspectos mais característicos da arte barroca é precisamente o esforço para transmitir e manipular a percepção do tempo e do espaço.»

**Ana Hatherly** *Representação do Tempo na Idade Barroca*

## SINOPSE E CONTINUAÇÃO DA SINOPSE

Os Músicos do Tejo e Sofia Dias & Vítor Roriz — Marta–Marcos–Sofia–Vítor — unidos pelo seu amor ao barroco, ao século XVII e XVIII, à dança, à música de dança, aos pássaros, aos textos sobre dança, aos textos que falam de danças maravilhosas, aos professores de dança que tocam violino e que compõem melodias de danças para os seus alunos por sua vez harmonizadas por outros alunos a cinco vozes, aos textos sobre textos, aos rituais onde ministros e embaixadores tinham de dançar correctamente no mínimo, e elegantemente no máximo, mas sem por assim mesmo poderem ter que vir a comparar-se ao rei com letra grande que esse sim tinha o passo mais elegante, o comportamento mais perfeito sobre o qual tudo se modelava, aos tratados em que o não gravado era quase tão belo como o relevo queimado gravura no papel nervurado, aos labirintos textuais, ao texto tornado imagem, à repetição ritmada das palavras, ao excesso das formas onde tudo é vento, chama, movimento e onde os corpos se contorcem em êxtases místicos numa metamorfose capturada a meio num eterno contínuo, à dança que se faz em silêncio, e o silêncio que se torna movimento, assim como que também ligados por um amor sobrevivente, desejam construir um traçado que se veja como se de fora, que se sinta no *odorato*, que provoque uma agitação ao mesmo tempo interior e exterior, profunda e superficial, um desenho de entradas passível de ser tão por mais ouvido que visto, mais atmosférico que unitário, suficientemente comunitário nos bastidores da realidade e ao conjugar uma música e uma dança em homenagem aos que dançaram para se manter em vida, relevantes no estado do estado-nação, decisivos na arte da metafísica de corte, sóis diante dos olhos de todos, refractários e cúmplices da burocracia, apresentar um condigno esforço aos amantes de música, *performers*, e rabequistas e apelando à benevolente e talentosa proficiência de outros contemporâneos habitantes do mundo físico-químico — *artistes/flâneurs/boémios* de estabelecimento estável — e que vêm constituir segunda *equipage*, Marta–Álvaro–Vasken–Vicente–Pedro–Denys–Cárin–José–Catarina, em forma a que possam, em número certo e regular, preencher as premissas do que se prometia e Prometeu agrilhado ou agrilhados a uma reciclagem hepática refluorescente, vulgo poder apresentar um momento multilateral, multidirecional, multidisciplinar, que abra a abertura, a entrada, o espaço do ser no palco do não-ser, mais ouvido que visto, mais intuído que instruído, e por conseguinte possamos todos no palco ser: será, portanto, mais proveitoso

o desenho de uma série de desenhos, um percurso de várias entradas a dois, quatro, seis tempos, seja sistema decimal ou sumério, seja no sistema alucinatorio, para que se evoquem correspondentes divindades, gárgulas, faunos, sátiros, ninfas, sereias em sistemas hidrográficos sonoros e visuais envolventes.

## **INFORMAÇÃO PARA O PREENCHIMENTO DO OUIDO INTERNO**

Mas que inspiração salvaria esta jangada lançada ao mar, contando com as várias formas de vento conhecidas, senão aquela que advém em retumbância directa do ano de 1648, à la Fronde, e que tomando o nome de Desordem ou Desregulamento serviu para, num só destemido despende de desespero, comemorar um infante sobrevivente da varíola que, temendo o palco cheio de senhores aí nesse instante, faria mais tarde do que os cinco anos de idade dobrar os actores à sua dança do existir com a nomeação ajuizada de um ou mais agentes/violinistas/dançarinos bons à tout, da mole humana de nobre prole extraídos, devindo a alçar-se à coreografia dos mesmos por meio de figuras ou espadas, e que no seu prospectivo prefácio se dirige ao leitor por meio deste fragmento de folia assim desta maneira esboçado: *As Paixões não se contentam em chamar a si o império absoluto sobre todas as ações humanas. Como nasceram escravas, usam insolentemente todo o poder que usurparam. Depois de sacudirem o jugo da razão, suportam, com esforço, o da natureza. Aconselham baixezas, inspiram temeridades, conduzem a excessos, introduzem extravagâncias; e, por fim, desejam não se curvar a lei alguma, senão à que elas próprias ditam. Estes desregulamentos que instilam nos espíritos mostram-se diariamente nos teatros: contudo ninguém ousa levantar a cortina ou desvelar o nome do bailarino. Só os Deuses e Heróis dos antigos servem de alvos para o riso e a censura. Foram vistos tantas vezes em público que já não têm vergonha de servir de espetáculo; e os seus crimes são tão celebrados por Historiadores e Poetas que a imaginação já não se escandaliza. O Interesse, essa paixão cega que não significa somente a cobiça do ouro, mas também de tudo o que geralmente se designa de útil, e que, nesse sentido, faz parte da Ambição, arrebatou alguns. Os outros seguiram os movimentos impetuosos do Amor. E a maioria foi inflamada*



*pelo mero desejo da Glória. Estas três principais causas de todas as suas desordens, bem como de todas as que ocorrem, presentemente, no mundo, formam as três partes deste Bailado: e alguns dos seus mais célebres efeitos estão representados em todas as Entradas; para fazer valer a diversidade da dança e contribuir para a explicação do assunto, algumas estão, no entanto, ligadas, formando em conjunto um exemplo único de desregulação? \**

## **CONCLUSÃO INDEFINIDA**

### **Soneto**

#### ***O Bailado Dirigindo-se ao Espectador***

Pensava dar-te em regalo  
Mil diversos espectáculos,  
Mas as máquinas desvairadas  
Tornam a minha dor infinita.  
Diana caça numa sala,  
Jasão não sai para os mares,  
E não vimos de todo nos ares  
Voar Ícaro ou Dédalo.  
Os Deuses vêm a pé pela estrada,  
E Faetonte, que miséria!  
É tão sábio como um transeunte.  
Não é, então, com fundamento  
Que desejo ser chamado  
O Bailado do Desregulamento? \*

Traduções **Marcos Magalhães**

(O Autor escreve de acordo com o antigo Acordo Ortográfico.)

\* Textos incluídos no prefácio do *libretto* de *Ballet du Dérèglement des Passions*, com texto de François Bertaud e música de François de Chancy, estreado em Paris a 23 de janeiro de 1648.



© Bruno Simão

## OS MÚSICOS DO TEJO

Fundado em 2005 e dirigido por Marcos Magalhães e Marta Araújo, o agrupamento Os Músicos do Tejo tem desenvolvido um percurso assinalável no panorama europeu da música antiga. Festejaram em 2023 os 18 anos de existência num evento filosófico-musical com a presença de Peter Sloterdijk. O seu trabalho tem sido orientado por dois eixos complementares: dar a conhecer obras do património musical português inéditas ou pouco acessíveis, mas também desenvolver projetos inovadores e transdisciplinares, com artistas atuais, com vista a refletir criativamente sobre a música e o seu papel na sociedade de hoje. No seu já extenso percurso, produziram cinco óperas em parceria com o CCB (*La Spinalba*, *Il Trionfo d'Amore*, *Lo Frate 'Nnamorato*, *Le Carnaval et la Folie* e *Paride ed Elena*), apresentaram-se em inúmeros concertos em Portugal e no estrangeiro (em locais tão variados como Lisboa, Porto, Évora, Mafra, Castelo Branco, Vigo, Brest, Paris, Goa, Sastamala, Madrid e Praga, entre outros), e gravaram seis CDs: *Sementes do Fado* (2008), *As Árias de Luísa Todi* (2010), *La Spinalba* (2011), *Il Trionfo d'Amore* (2015), *From Baroque to Fado* (2017) e *Il Mondo della Luna* (2020). Desde 2011, têm gravado exclusivamente para a editora Naxos, que assegura uma distribuição mundial. Todos os CDs tiveram excelentes críticas no

âmbito nacional (*Público*, *Diário de Notícias*, *Expresso*, *JL*, entre outros) e internacional (Diapason, Classica, Opera, Songlines, Ritmo, Scherzo, Forum Opera, Klassik, MusicWeb, Merker, entre outros). *Il Trionfo d'Amore* foi nomeado na Bestenliste do prestigiado *Preis der Deutschen Schallplattenkritik*. Com *Il Mondo della Luna*, foram nomeados para o Melhor Álbum Clássico nos Prémios Play em 2021.

Também na Fundação Calouste Gulbenkian, Os Músicos do Tejo têm apresentado vários concertos, dos quais se destacam *Dido e Eneias* de Purcell, *As Filhas do Fogo* (em colaboração com o realizador Pedro Costa) e *Do Barroco ao Fado*, com Ana Quintans e Ricardo Ribeiro. Estes dois últimos programas têm tido várias apresentações noutros locais, das quais se destaca a apresentação de ambos em Madrid, na Cineteca de Madrid e no Auditorio Nacional de Música. Em Portugal, participaram em diversos eventos, tais como o Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, o Cistermúsica, em Alcobaça, o Natal em Lisboa/EGEAC, o Festival das Artes de Coimbra, o Música nos Claustros/Eborae Musica e o Ciclo Ciência na Música – Tejo no Thalia, entre outros. Em 2017, Os Músicos do Tejo obtiveram grande sucesso no Festival de Herne, num concerto com a participação de Joana Seara e João Fernandes, que teve transmissão direta na rádio clássica alemã WDR 3.

No âmbito da revitalização do património musical português, apresentaram, em 2018, a ópera «ao gosto português» *As Guerras de Alecrim e Mangerona* (Cistermúsica e Artemrede) e a oratória *La Giuditta* de F. A. Almeida na TMSR. São de destacar, também, programas de concerto fora dos modelos convencionais que cruzam a música com o teatro, a história e a literatura, como *Veneza e os Limites da Moralidade*, com a atriz Luísa Cruz (Dias da Música, Évora e Teatro Nacional São João, no Porto), e *To Play*

or *Not to Play* (Teatro Thalia, Castelo Branco e Dias da Música), um programa em torno de Shakespeare, de João Fernandes como cantor e ator, registado em DVD.

Entre os projetos mais recentes destacam-se as apresentações no Festival de Almagro (Espanha) e no Festival de Marvão; *As Filhas do Fogo*, no Festival Porto/Post/Doc; *Guerras do Alecrim e Mangerona*, no CCB; *Lo Frate 'Nnamorato*, no Musiikkitalo de Helsínquia (Finlândia); a *Paixão Segundo São João* de J. S. Bach, na Aula Magna; *As Quatro Estações* de Vivaldi, nos concertos de Natal da EGEAC; e uma gala lírica em Madrid.

## SOFIA DIAS & VÍTOR RORIZ

Sofia Dias e Vítor Roriz são uma dupla de artistas/coreógrafos que colabora desde 2006. A natureza híbrida da sua pesquisa e um forte interesse pela experimentação levaram-nos à criação de vários espetáculos, performances, bandas sonoras, vídeos, podcasts e instalações, atravessando diferentes contextos e esbatendo limites entre áreas artísticas. Os seus projetos, apresentados em mais de 17 países, contaram com a coprodução de instituições culturais como a Culturgest (Lisboa), o CCB (Lisboa), a ZDB (Lisboa), o Festival Alcantara (Lisboa), o LUCA (Lisboa), o Centro Cultural Vila Flor (Guimarães), o Cineteatro Louletano (Loulé), o Teatro Viriato (Viseu), o Teatro Nacional São João (Porto), o Théâtre de la Ville (França), o Théâtre Vidy-Lausanne (Suíça), o Festival d'Avignon (França) e o DeSingel/BougeB (Bélgica). Os seus espetáculos para palco convocam uma linguagem coreográfica depurada em ligação com a palavra e a voz, como são exemplo *Um gesto que não passa de uma ameaça* (2011), distinguido com o Prix Jardin d'Europe e selecionado para o Aerowaves Spring

Forward, ou *O que não acontece* (2018). Têm colaborado com diversos artistas das áreas da dança, teatro, ópera e cinema, entre os quais Marco Martins, Clara Andermatt, Gonçalo Waddington, Carla Maciel, Mark Tompkins, Felipe Hirsch, Boris Charmatz, Tiago Guedes e, mais regularmente, Tiago Rodrigues, em projetos como *António e Cleópatra*, *Sopro*, *Tristão e Isolda* e no apoio ao movimento de *Catarina e a Beleza de Matar Fascistas*.

Desde o início da sua colaboração mantém um interesse particular pelas artes visuais, expresso numa série de performances em diálogo com os trabalhos de Catarina Dias, Gonçalo Barreiros, Francisco Tropa (Serralves e CND Paris), Rui Chafes e Alberto Giacometti (CAM, Fundação Calouste Gulbenkian), Vivian Suter (MAAT/EDP e Alcantara) e Ana Vieira (Galeria Brotéria). Entre a sua atividade curatorial destaca-se a programação do Festival Cumplicidades de 2025 e das 2.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> edições do Programa Avançado de Criação em Artes Performativas (PACAP), do Fórum Dança, em Lisboa. Em 2022 foram os «Artistas em Destaque» do Festival GUIDance (Guimarães); em 2022/2023, os «Novos Inquilinos» do Teatro Viriato (Viseu); em 2023/2024, Artistas Residentes na Fundação Champalimaud, no programa *Bridges to the Unknown*; e, em 2025, artistas associados dos Estúdios Vítor Córdon, no programa *Em Casa*. Entre as suas criações de 2025 contam-se a performance *À Distância de um Braço*, para o Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa); a encenação e interpretação de *El otro Goya*, com texto de Tiago Rodrigues para o Museu do Prado (Madrid), no âmbito da BOCA Bienal; a coreografia para o filme *Aquí*, de Tiago Guedes (Festival de Cannes 2026); e o dueto *O que se abre em nós* (ZDB e Festival Alcantara).



Orquestra XXI © Enric Vives Rubio

JÁ A SEGUIR

**SINFONIA N. º 9**  
**«DO NOVO MUNDO»**  
**DE DVOŘÁK**  
**ORQUESTRAS XXI**

**18 JUL**

sexta-feira, 19h  
Grande Auditório  
+6

**Conversa pré-concerto por Dinis Sousa às 18h30.**

Escrita durante um período em que o compositor emigrara para Nova Iorque, a célebre *Sinfonia do «Do Novo Mundo»* combina elementos da tradição musical afro-americana com uma escrita de inspiração clássica, sendo considerada uma das peças mais populares do repertório sinfónico.

CCB

26 JUN 26

**CICLO NOTAS DE MÚSICA**

***O MESMO NADA EM TUDO:  
A TORÇÃO BARROCA  
DO OLHAR E O DESENGANO  
DO MUNDO***

**PAULO PIRES DO VALE**

**ARTES  
PERFORMATIVAS**

**Esta conferência realiza-se no âmbito do concerto *Da Desordem das Paixões*, com Os Músicos do Tejo e Sofia Dias & Vítor Roriz, nos dias 26 e 27 de junho, às 20h e 19h respetivamente.**



Paulo Pires do Vale © DR

## **PAULO PIRES DO VALE**

**Paulo Pires do Vale** é filósofo, ensaísta, professor universitário e curador. Foi Presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte – Portugal. É membro do grupo de Peritos em Cultura da Organização dos Estados Ibero-americanos e do Conselho Diretivo da Fundação Centro Cultural de Belém. É, desde 2019, Comissário do Plano Nacional das Artes, estrutura de Missão do Ministério da Cultura, Juventude e Desporto e do Ministério da Educação. No âmbito desta conferência, destacamos a curadoria da exposição *Num Jardim Feito de Tinta: Ana Hatherly e o Barroco*, no Museu Calouste Gulbenkian, em 2017, e no Museo de las Artes, em Guadalajara, México, em 2018.

Como pensar o *nada* no excesso que associamos, habitualmente, ao barroco?

Retomando uma operação comum nos séculos XVII e XVIII, proponho um *desvio por torção*, para nos aproximarmos do que se esconde diante de nós – em anamorfose – nas obras engenhosas desse período. Como escreveu Monteverdi, «há um outro ponto de vista a considerar» e a estratégia alegórica barroca revela que tudo é, sempre, outra coisa.

Aqui, o barroco não será entendido como formalismo superficial e decorativo; aproximar-me-ei da mundivisão e da «alma barroca»; do *estilo* enquanto modo de estar, de percecionar e de se orientar na *cena* do mundo; da *tensão* que aí se revela entre sedução corporal e persuasão espiritual, entre sensualidade e transcendência, entre poder dirigista e fulgor imaginativo, entre folia e lamento, entre atenção à realidade efémera e desejo de infinito. Ou seja, do *desequilibrismo* no intenso confronto com o *tempo*, esse labirinto feito de dobras.

Poderá a retórica barroca, enquanto rebelião e recusa da ordem e serenidade clássicas, servir-nos para comentar o presente?



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
E CENTRO DE ARQUITETURA  
LISBOA

# O museu mais internacional de Lisboa

Coleções de Arte Moderna  
e Contemporânea

Exposições temporárias  
de Arte e Arquitetura

Programas Públicos,  
Educação e Mediação

Centro de Arquitetura  
e Jardim da Água



O ponto de encontro  
das artes é o MAC/CGB

Niki de Saint-Phalle. *Les Baigneuses*, 1985. Coleção Berardo em depósito no MAC/CGB



@maccb.museu  
#maccbelem

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA

RTP

RTP  
antena 1

RTP  
antena 2

PARCEIRO DE IMAGEM  
E MULTIMEDIA

SONY

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA  
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

El Corte Inglés

PARCEIRO PARA A  
SUSTENTABILIDADE

ponto verde



Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU